

**A FORMAÇÃO DE GENTÍLICOS COM O SUFIXO –ISTA
– ALGUMAS QUESTÕES**

Nilsa Areán-García (USP)

nilsa@estadao.com.br

Mário Eduardo Viaro (USP)

maeviaro@usp.br

Este trabalho surgiu no âmbito de pesquisas do Grupo de Morfologia Histórica do Português, GMHP (www.usp.br/gmhp), liderado pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro (FFLCH USP), que atualmente está centrado nos estudos da derivação sufixal, aliando a sincronia à diacronia, e procurando estabelecer, para cada sufixo estudado, uma genealogia semântica ocorrida e, porventura ainda em curso, na língua portuguesa.

Assim, ao estudarmos o sufixo *-ista*, considerando que a sua característica semântica mais conhecida é a formação de nomes de agentes, o objetivo deste estudo é apresentar algumas questões oriundas da curiosa formação lexical no campo semântico de nomes gentílicos desenvolvida com o sufixo no português, visando à análise do seu estado atual de produtividade e procurando levantar eventuais hipóteses para tal ocorrência.

Sabemos que o sufixo *-ista* é a forma adquirida no português proveniente da terminação grega *-ιστής* e que já no latim sob a forma *-istés* apresentava algumas derivações com caráter agentivo. Sabemos também, que não apenas no português, mas em várias línguas a terminação aparece em forma de sufixo, apresentando-se, na maior parte dos casos, na função formadora de agentivos. Assim, procurando nas gramáticas e dicionários de várias línguas em que há ocorrências de palavras formadas com o sufixo: japonês, hebraico, basco, russo, polonês, alemão, inglês, francês, italiano, catalão, valenciano, castelhano, galego além do português, pôde-se encontrar uma formação gentílica com o sufixo no francês belga e outra no castelhano, as demais pertencem todas à língua portuguesa.

Santiago Lacuesta e Bustos Gisbert (2000, p. 4624) afirma que formações gentílicas com o sufixo *-ista* parecem ser improduti-

LÉXICO E SEMÂNTICA

vas em castelhano, mas aponta *llerista*¹ como uma forma gentílica da localidade de Llera (situada na Extremadura espanhola, cerca de Badajóz, aproximadamente a 100 Km da fronteira com Portugal), ainda que a mais usada seja *llerense*, assim a forma gentílica com o sufixo *-ista*, pode ser atribuída a uma influência da língua portuguesa, dada a proximidade fronteiriça. Segundo Reale (2004) e Migliorini (1968, p. 113-114), a função primeira e uma das mais antigas do sufixo *-ista* é designar um agente com uma competência particular em uma determinada doutrina, como por exemplo em *economista* e *linguista*; entretanto, no francês essa conotação semântica, segundo os autores, foi estendida quando da criação das universidades, por exemplo *sorbonnistes* designa os estudantes da Universidade de Sorbonne e *louvainistes* os estudantes da Universidade Católica de Louvain [Bélgica], que, devido a uma peculiaridade semântica, passou a designar, no francês belga os habitantes desta localidade. Ferreiro (2001, p. 156-157) considera que no galego as formações gentílicas *paulista* e *santista* são estrangeirismos provenientes do português brasileiro, considerando, portanto que não há produtividade nesta categoria semântica na língua galega.

Já, no português, Vasconcelos (1933, p. 150) afirma que “este sufixo, que significa agente, serve, de modo bastante estranho, para formar alguns étnicos”, e, de acordo com Miranda (1980, p. 101), as formações gentílicas em *-ista* são improdutivas na língua portuguesa. Segundo o dicionário Houaiss (2001), “*-ista* funciona como sufixo gentílico de forma pouco frequente”. Entretanto, na sétima acepção do sufixo *-ista* dada pelo dicionário Aurélio, Ferreira (1999), encontra-se como formador de: “nomes gentílicos, por exemplo: *paulista, sulista*”.

De fato, na lista de 2.604 palavras terminadas em *-ista* extraída do dicionário Houaiss (2001), pode-se perceber que poucas há cuja função seja gentílica. Na verdade foram encontradas apenas vinte e cinco palavras (1% da lista) na função gentílica e formadas a partir de nomes que designam topônimos: *abre-campista, alfamista, americano-campista, asa-nortista, asa-sulista, cabista, campista, continen-tista, esplonista, geralista, lajista, macaísta, malaquista, malauísta,*

¹ Com muito maior frequência se refere aos seguidores da política (1966) do ex-presidente da Colômbia: Carlos Lleras Restrepo, que ao gentílico de Llera; nas pesquisas feitas na *internet*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

nortista, paranista, paulista, roseirista, santista, são-bentista, são-felista, sertanista, sulista, tupi-paulista, união-paulista. Vasconcelos (1933, p. 150) também aponta para mais três formações a partir do sufixo *-ista* em localidades portuguesas: *jarmelista, freixinista* e *carçonista*. Por outro lado, encontraram-se, em sítios na internet, oito formações gentílicas a partir do sufixo *-ista* em localidades de Angola e Moçambique, cuja língua oficial é o português: *buenguista* para os da região de Buengas na província de Uíge em Angola; *cabindista* para os da província angolana de Cabinda; *dandista* para os do município de Dande na província angolana de Bengo; *dondista* para os da cidade de Dondo em Moçambique; *jambista* para os do município de Jamba na província angolana de Huíla; *huambista* para os da província angolana de Huambo; *lubanguista* para os do município de Lubango na província angolana de Huíla; *pembista* para os da cidade de Pemba em Moçambique.

A primeira questão interessante é tentar trilhar o motivo pelo qual há o desenvolvimento da função gentílica por meio do sufixo no português, uma vez que nas outras línguas em que o sufixo aparece tal característica não se desenvolveu, mesmo na língua mais próximas como o castelhano e o galego.

Desse modo, tentamos estabelecer as datações dos vocábulos para, então, tentar traçar paralelos linguísticos e extralinguísticos que pudessem contribuir com a pesquisa. Assim, quanto à datação conseguimos definir, de acordo com as datações estabelecidas no dicionário Houaiss (2001), que pertencem ao século XVI, os gentílicos *macaísta* (1557), *paulista* (1554) e *santista* (1543); pertence ao século XVII, o gentílico: *campista* (1673); pertence ao século XVIII, o gentílico *alfamista* (1742); pertencem ao século XIX: *abre-campista* (1850), *esplonista* (1881), *geralista* (1899), *nortista* (1899), *são-felista* (1857), *sertanista* (1877) e *sulista* (1899); pertencem ao século XX: *américo-campista* (1926), *cabista* (1924), *malauísta* (depois de 1964), *roseirista* (1944), *são-bentista* (1938), *união-paulista* (1964). Segundo o Houaiss (2001), não estão datados os gentílicos, mas pelo contexto histórico pode-se demarcar um período no qual se enquadram: *ambaquista* (depois de 1611), *asa-nortista* (depois de 1960), *asa-sulista* (depois de 1960), *continentista* (século XVIII ou XIX), *lajista* (depois de 1864, ou seja, século XIX ou XX), *malauísta* (depois de 1511), *paranista* (depois de 1853, ou seja, século

LÉXICO E SEMÂNTICA

XIX ou XX). Não se conseguiram as datações para os gentílicos portugueses: *carçonista*, *freixinista* e *jarmelista*. Também não se conseguiram as datações para os gentílicos africanos: *buenguista*, *cabindista*, *dandista*, *dondista*, *jambista*, *huambista*, *lubanguista*, *pembista*, no entanto, dado que foram encontrados por meio da *internet* e que não são atestados em dicionários da língua, pode-se supor que tais formações são recentes e pertencentes ao século XX.

Em resumo, obtivemos quatro ocorrências no século XVI: *macaísta*, *malaquista*, *paulista* e *santista*; duas ocorrências no século XVII: *ambaquista* e *campista*; uma única ocorrência no século XVIII: *alfamista*; sete ocorrências no século XIX: *abre-campista*, *espionista*, *geralista*, *nortista*, *são-felista*, *sertanista* e *sulista*; dezessete ocorrências no século XX: *américo-campista*, *asa-nortista*, *asa-sulista*, *buenguista*, *cabindista*, *cabista*, *dandista*, *dondista*, *jambista*, *huambista*, *lubanguista*, *malauísta*, *pembista*, *roseirista*, *são-bentista*, *tupi-paulista* e *união-paulista*. Mas, há seis ocorrências sem datação definida: *carçonista*, *continentista* (XVIII ou XIX), *freixinista*, *jarmelista*, *lajista* (XIX ou XX) e *paranista* (XIX ou XX).

Assim, pudemos notar que houve uma produtividade razoável no século dos descobrimentos marítimos portugueses, século XVI, do sufixo *-ista* na formação de gentílicos. Essa produtividade caiu nos dois séculos seguintes e voltou a crescer no século XIX, tornando-se muito produtivo no português brasileiro e africano do século XX.

Uma hipótese para o início da formação de gentílicos com o sufixo aponta para o fato de o sufixo *-ista* estava ligado à Igreja nos séculos XII, XIII e XIV. Sabe-se, também, que uma das categorias semânticas do *-ista* é designar religiosos pertencentes a um determinado seminário, mosteiro ou convento, por exemplo, do convento de Santa Maria → *maristas*. Então de pertencente ao “convento, seminário ou mosteiro de X” forma-se *X-ista*. Pode-se supor que *X-ista* tenha começado a designar as pessoas que moravam próximas ao “convento, seminário ou mosteiro de X”, mas que eram leigos, analogamente ao relatado por Reale (2004) e Migliorini (1968, p. 113-114) para explicar a função gentílica de *louvaniste* no francês belga por extensão de sentido. Assim, dado que “convento, seminário ou mosteiro” é uma referência toponímica comum nos países de língua portuguesa, pode-se supor que se generalizou para “natural ou habi-

tante do topônimo X”, mesmo que o topônimo não mais tivesse o vínculo religioso, e essa acepção passou a ter uma boa produtividade na época dos descobrimentos e conquistas, pela necessidade de designar os habitantes de novas localidades descobertas, conquistadas e colonizadas. Tomando como exemplos: *paulista* que significa religioso da ordem de São Paulo e *santista*, que também significa religioso do mosteiro de Todos os Santos, ambos já têm a função gentílica na principal acepção dada pelos dicionários. É interessante notar que atualmente, em Portugal, *tomarista* significa o religioso do Convento de Tomar, ainda que seja uma forma jocosa e popular para se referir aos moradores e naturais da Cidade de Tomar (onde está situado o convento da ordem de Cristo: Convento de Tomar) não consta como tal nas acepções dos dicionários consultados. Se a forma *tomarista* virá a perder seu caráter jocoso e se tornar um gentílico aceito pelos dicionários e gramáticas ou não, é uma questão difícil de ser prevista, pois depende da preferência dos falantes portugueses e até mesmo da frequência em que é usada atualmente no âmbito jocoso.

Pode-se propor também que a necessidade de novas formas gentílicas para designar os naturais ou habitantes das novas terras, nos séculos dos descobrimentos marítimos (século XVI e século XVII), auxiliasse o sufixo *-ista*, por extensão de sentido, a sair do âmbito religioso e migrar à função gentílica. No entanto, uma nova questão surge, por quê o mesmo processo não ocorreu com o castelhano, já que o sufixo também existe na língua vizinha e também houve o processo de descobrimentos marítimos, fundação de novas cidades, além de referências religiosas como topônimos?

Convém lembrar que das quatro ocorrências gentílicas pertencentes ao século XVI, somente as brasileiras perduraram até os dias de hoje, as demais foram substituídas por formas concorrentes: *macauense* e *malaquês*. Marca-se aqui mais uma questão, por quê no Brasil as formas se mantiveram ao passo que na Ásia declinaram? Porventura seria o português falado no Brasil mais conservador?

Com relação ao Brasil, no século XIX, com a libertação dos escravos e com o processo crescente de imigração houve o povoamento de novas regiões com a fundação de vilas e cidades para a residência destes povos e seus descendentes, justificando, assim, a necessidade de empregar-se novas formas gentílicas, tais como as sufi-

LÉXICO E SEMÂNTICA

xadas em *-ista* e, de certa forma, influenciadas pela presença importante dos vocábulos *santista* e *paulista* com a designação gentílica. Da mesma maneira, no século XX no Brasil, com os projetos e medidas governamentais de povoamento do interior do território nacional, mudança da capital para o interior do país e outros investimentos, o sufixo *-ista* continuou a significar “natural ou habitante do topônimo X” com uma boa produtividade para designar os habitantes das novas cidades e/ou bairros fundados a partir de então, já que sua maior produtividade é para designar naturalidade ou proveniência de uma cidade e/ou povoado.

No entanto, como explicar as formas gentílicas em *-ista* no português africano do século XX? Sabemos que com o processo de independência de Angola e Moçambique, ocorrido em 1975, muitas localidades cujos topônimos eram nomes de origem portuguesa foram alterados para nomes africanos e com isso mudou-se também sua designação gentílica. Mas, por quê justamente gentílicos formados com o sufixo *-ista*? Foneticamente o sufixo se acomodaria melhor a uma base africana? Seria uma marca para a diferenciação em relação às formações provenientes do português europeu? Por outro lado, pode ser levantada novamente a questão da importância dos vocábulos *santista* e *paulista*, seria tão forte a ponto de influenciar as novas formações também em Angola e Moçambique, dado que no galego ingressam como estrangeirismos provenientes do português brasileiro?

Ainda que Vasconcelos (1933, p. 151) sustente que:

Por serem poucos os nomes em *-ista* a que está anexa a ideia de residência, o mais natural é que, assim como o sufixo *-eiro* usurpa (entre outras funções) as de agente e de étnico (...), assim o *-ista*, que já significava agente, se agregou a ideia étnica, ficando pois ele, a estes dois respeitos, sinônimo de *-eiro*.

Sua afirmação, infelizmente, não consegue responder a todos os questionamentos propostos e, portanto, necessitamos de estudos filológicos mais aprofundados na área para respondê-los.

Como vimos, muitas são as questões que se colocam em evidência e com este breve estudo, pôde-se inferir somente que a formação de nomes gentílicos com o sufixo *-ista* é uma característica tipicamente do português, ainda que tenha aparecido uma única ocor-

rência no castelhano e uma única no francês belga. Pôde-se inferir também que atualmente tal característica não tem se mostrado produtiva no português europeu como outrora já o foi, no entanto, mostra-se produtiva no português brasileiro e no africano. No entanto, ainda há muito para ser estudado, se pensarmos nas complexas questões que aqui assinalamos.

A preferência dos falantes ou o motivo de uma forma se sobrepor a outra é uma questão muito delicada e que requer um estudo detalhado e um maior aprofundamento. Acreditamos que a datação de ocorrências gentílicas com sufixos concorrentes bem como um estudo extralinguístico aprofundado poderiam ajudar a esclarecer algumas das questões aqui propostas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSTRÖM, M. e REIS, N. *Prontuário ortográfico e guia da língua portuguesa*. Lisboa: Notícias; Instituto Camões, 2001, p. 96 a 102.

DICIONÁRIO da língua portuguesa online. www.priberam.pt/dlpo/. 2008. Último acesso em abril de 2008.

DICIONÁRIO da Porto Editora da língua portuguesa. www.portoeditora.pt, 2008. Último acesso em abril de 2008.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: O dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRO, Manuel. *Gramática histórica galega*. Noia: Laiovento, 2001.

HOUAISS, A. VILLAR, M. (Org.). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

MIGLIORINI, B. Italianista. **In:** *Profili di parole*. Florença: Le Monnier, 1968, p. 112-114.

MIRANDA, N. S. *Agentivos denominais e deverbais: um estudo da produtividade lexical em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.

REALE, L. M. Italianista: chi era costui? Un preludio a Internet. Parola di Bruno Migliorini. **In:** *Italianistica Online*: portale di studi ita-

LÉXICO E SEMÂNTICA

lianistici ideato e prodotto da Luigi M. Reale. Florença: Italianistica e Italianistica in Rete, Janeiro de 2004.

www.italianisticaonline.it/2004/def-migliorini/. Acesso em abril de 2008.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1930.

SANTIAGO LACUESTA, R. & BUSTOS GISBERT, E. La derivación nominal. **In:** BOSQUE, I. & DEMONTE, V. (eds.): *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madri: Real Academia Española / Espasa-Calpe. 2000, vol. 3, p. 4572-4573.

VASCONCELOS, J. L. Nomes étnicos em português. **In:** *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI. Coimbra, 1933, p. 139-157.

Wikipédia dicionários. Língua portuguesa.

<http://pt.wiktionary.org/wiki/>, 2008. Acesso em abril de 2008.